

Cunha-Vaz de olhos postos na investigação científica

Ingressou no curso de Medicina com 16 anos e enveredou pela especialidade que acredita ser a mais objectiva: Oftalmologia. É Professor Catedrático Emérito de Oftalmologia da Universidade de Coimbra e foi, até há poucos meses, presidente da AIBILI - Associação para Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem, além de editor-chefe das revistas científicas internacionais *Ophthalmologica* e *Ophthalmic Research* (Suíça), fundador do EVICR.net - European Vision Institute Clinical Research Network e Coordenador da Secção de Retinopatia Diabética e de Doenças Vasculares da Retina. Em entrevista ao "Campeão", José Cunha-Vaz fala da Oftalmologia que pretende promover na Europa e em Coimbra, com a experiência adquirida nos EUA, do nascimento da AIBILI e, inevitavelmente, de Coimbra.

NÁDIA MOURA

Campeão das Províncias [CP]: Porque escolheu seguir a área da Oftalmologia?

Cunha-Vaz [CV]: Era bom aluno a matemática e queria escolher uma área da medicina em que pudesse continuar a praticar os métodos matemáticos. Além disso, o meu pai era Oftalmologista e esta é, para mim, a especialidade da Medicina onde existe mais quantificação, a mais objectiva, a que permite melhor medir o que fazemos e o sucesso dos tratamentos. Podemos medir quase tudo em Oftalmologia.

[CP]: Como nasceu a AIBILI?

[CV]: Estive nos EUA entre 1978 e 1986, onde fui Professor de Oftalmologia e Diretor do Serviço de Retina da Universidade de Illinois em Chicago. Quando lá estava debatia-me com a ideia de regressar ou não. Achava que, se voltasse para Portugal, teria de continuar a praticar investigação clínica em condições de excelência. Queria voltar e criar em Coimbra as mesmas condições que tinha lá. A Fundação para a Ciência e a Tecnologia criou, após a entrada de Portugal na União Europeia, programas para a Economia (PEDIP), para o Ensino (PRODEP) e para a Investigação Científica (Ciência). Houve concursos nacionais e eu apresentei propostas. Consegui ter os apoios financeiros neces-

sários e procurei criar um projecto orientado para a translação [passagem do conhecimento laboratorial para a investigação clínica] e prática clínica. A proposta que apresentei contemplava uma candidatura ao PEDIP para aplicação da ciência e inovação na indústria e uma candidatura ao Ciência, onde incluí o edifício onde funcionaria a investigação laboratorial. Isto veio dar origem à AIBILI e ao IBI-LI - Instituto Biomédico de Investigação em Luz e Imagem, respectivamente. Tive sorte de ir para os EUA e ficar em posição de chefia, em igualdade com os grandes oftalmologistas de lá dos melhores Centros da especialidade no mundo. Consegui em Coimbra reeditar o que lá existe. Atualmente, a nível da Europa temos um dos Centros mais respeitados.

[CP]: Quais as principais fontes de financiamento da AIBILI?

[CV]: A AIBILI é hoje um Centro de Interface Tecnológico – e o único na área da saúde. Assim, a principal fonte de financiamento é obtida através de projectos solicitados pela indústria e temos tido regularmente também projectos atribuídos pela União Europeia. Participamos, ainda, em projetos da indústria como centro de ensaio clínico ou integrados na rede europeia. A rede EVICR.net propõe estudos e procura apoios financeiros em competição aberta internacional para a sua realização.



Cunha-Vaz dedicou a vida à Oftalmologia sendo reconhecido nacional e internacionalmente

[CP]: Como está a Oftalmologia em Portugal e, particularmente, em Coimbra?

[CV]: Essa é uma das coisas de que me orgulho. A Oftalmologia em Coimbra é o centro de Oftalmologia em Portugal. E Coimbra podia ter aproveitado isso melhor. Coimbra tinha condições únicas para ser um Centro de Referência em Oftalmologia da Europa. Londres, uma grande cidade, por exemplo, assumiu fazer reclame da sua excelência nesta especialidade e promoveu essas competências. Outros países também têm feito isso e Coimbra não aproveitou como devia. Muitos foram meus alunos, formaram-se comigo, e alguns dirigem unidades de excelência tanto ao nível de clínica privada como a nível académico. Actualmente, a nível europeu, nós somos o centro coordenador da única rede internacional

de investigação clínica. Neste contexto, a AIBILI coordena a investigação clínica europeia numa rede que tem vários centros, unidos a trabalhar a nível da investigação oftalmológica na Europa.

[CP]: Ao longo da vida tem recebido várias distinções, nomeadamente o Prémio Nacional de Saúde, atribuído pela Direção-Geral de Saúde em 2014, mas a maior parte de âmbito internacional... em 2016 recebeu, em Copenhaga, Dinamarca, o EURETINA Award uma das mais importantes distinções a nível mundial na área da oftalmologia. algum deles um significado (mais) especial para si?

[CV]: O prémio de maior relevância foi o prémio Weisenfeld, atribuído nos EUA pela ARVO (Associação Mundial para a Investigação em Oftal-

mologia). É o principal prémio de investigação clínica do mundo e depois recebi outra distinção de grande relevo internacional que foi a Medalha de Ouro Helmholtz, da Sociedade Europeia de Oftalmologia.

[CP]: Quais são as suas áreas de investigação primordiais?

[CV]: A minha investigação tem sido feita sempre à volta da retina, sobretudo no campo da retinopatia diabética, a área a que me tenho dedicado desde o meu período de formação no Instituto Oftalmológico de Londres, de 1963 a 1966.

[CP]: Teve, em 1993, uma pequena incursão na área da política...

[CV]: Acho que quando chegamos a este mundo temos obrigações perante a sociedade, devemos procurar ajudar. A minha visão de Coimbra não é a da maior parte da população de Coimbra. A minha visão era a de uma cidade que quisesse crescer e não parada à espera do que lhe cai em cima. Mas estou convencido, hoje após toda a minha experiência de vida, que os conimbricenses gostam dela como ela é. Essa incursão foi um desafio excepcional no meu percurso de vida, foi na altura que

estava a construir a AIBILI e achei que devia partilhar com a cidade e apoiar a cidade a crescer e ser um Centro de Referência e Inovação. No enquadramento político da altura e com o apoio da União Europeia havia oportunidades e pernas para andar rumo a muitos projectos em Coimbra mas as coisas não tiveram seguimento e o resultado foi outro e ainda bem, caso contrário não teria feito muito do que fiz na minha vida.

[CP]: Recentemente deixou de presidir à AIBILI, no entanto, continua por aqui... continua a trabalhar?

[CV]: Já não sou o presidente do conselho de administração mas continuo a dedicar muito do meu tempo, e com protesto da minha esposa [risos], à investigação. É a forma de manter a minha mente activa. E é importante que possamos ajudar quem nos vem substituir e para manter essas relações internacionais que estabeleci ao longo dos anos. E o que faço, faço por gosto. Aqui na AIBILI há uma actividade de investigação que continua e que está na crista da onda. Eu ainda acordo de noite a pensar em novas soluções e a escrever notas e, enquanto isso acontecer, tenho de continuar.

“ É positivo que haja instituições privadas, instituições académicas, instituições do estado todas elas com pessoas com muita qualidade e com condições de produzir melhor e de serem uma referência a nível europeu e todas devem trabalhar em conjunto.

O conhecimento da Barreira Hemato-Retiniana teve um impacto muito grande na Oftalmologia, dado que os tratamentos actuais são em muitos casos baseados em medicamentos que actuam sobre a barreira hemato-retiniana. Depois, a fluorometria do vítreo teve, na altura, quando fui para os Estados Unidos, um grande impacto internacional por ter aplicação clínica.

A fluorometria do vítreo [técnica iniciada por Cunha-Vaz e sua equipa, em 1975, em Coimbra] foi o primeiro método que surgiu para quantificar as alterações da barreira hemato-retiniana tendo mesmo levado à criação da Sociedade Internacional de Fluorometria Ocular. Mais recentemente desenvolvemos também um novo método, a OCT-Leakage com o mesmo objectivo, e que foi distinguido com o Prémio Pfizer 2015.

”